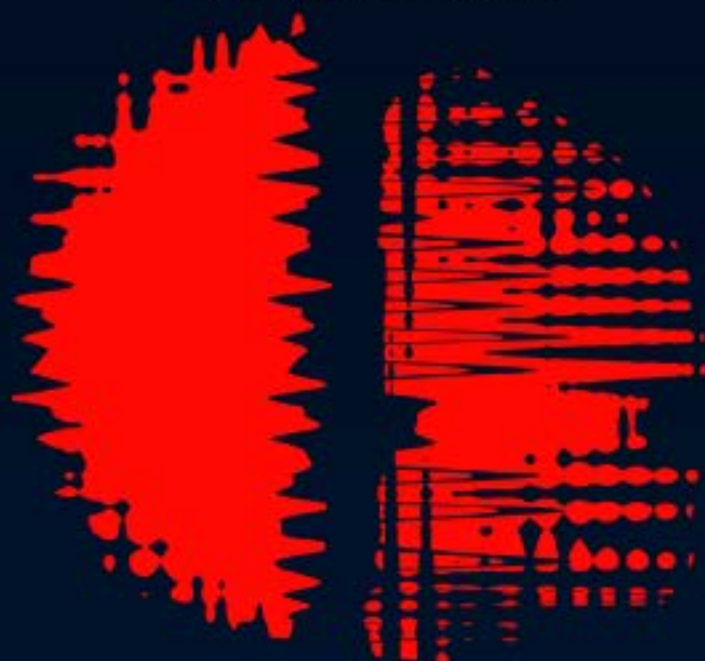


XXV ENCONTRO BRASILEIRO
DO CAMPO FREUDIANO



OS CORPOS
APRISIONADOS
PELO DISCURSO
... E SEUS RESTOS

BOLETIM

CODA

#03

SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 EIXOS TEMÁTICOS
- 15 NOTAS E TONS
- 19 ...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES
- 23 ARTE E CULTURA

EDITORIAL

Adriana Rodrigues (EBP/AMP)
Thereza De Felice
Comissão de Boletim

O Boletim Coda#3 segue trazendo em suas páginas *reflexões-convite*, rumo ao XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.

Neste número do Boletim, ilustrado pelas obras de Arthur Bispo do Rosário, mestre em fabricar seu corpo com mantos e palavras, o leitor poderá conferir na íntegra os textos referentes aos eixos 1 e 2, apresentados por Luiz Fernando Carrijo e Marcelo Veras, na ocasião da primeira preparatória para o Encontro, no último dia 18 de maio. O eixo 1 – *capturas imaginárias e o real do corpo* – é um convite a pensar os efeitos e as invenções do corpo como suporte ao discurso. De um modo mais preciso, Carrijo destaca que, nas tentativas, via imagem, de se arranjar com o corpo que se tem, há sempre um ponto que fracassa. Ao comentar o eixo 2 – *incidências do discurso da ciência sobre os corpos* –, Veras destaca a afirmação de Lacan de que a ciência “reduz o real ao mutismo”, operação que fomenta um regime de gozo solitário e narcísico, em uma época de um *chronos* acelerado que curto-circuita o tempo de compreender. O autor nos pergunta como nossa prática clínica pode acompanhar essa época de “vacuidade do Outro” e “contração temporal”.

Na busca pelo diálogo entre os dois textos, Rômulo Ferreira participou da preparatória, trazendo uma leitura sobre o que parece apresentar-se como “pressa” em articular algo diante do que escapa do gozo no/do corpo pela captura de um S2 aleatório para fazer par com um S1 à deriva. E pergunta: “Seria uma nuance que se apresenta e que vai de uma petrificação de S1 colado à imagem à proliferação de S2 sem ordenação?”.

“Não nascemos com um corpo, mas com um organismo. O corpo, feito de palavras, o habitamos...ou não”. É o que afirma Oscar Reymundo em seu texto “Mulheres obedecem!”, onde traz a experiência de um trabalho realizado com mulheres vítimas de violência e a incidência dos discursos sobre seus corpos. Texto que compõe juntamente com *Tecidos e Palavras*, de Aléssia Fontenelle, a rubrica *Notas e Tons*. Aléssia busca na obra e na escrita de Frida Kahlo um diálogo sobre *como fazer suportável o corpo próprio*.

Na rubrica *...dizeres e suas reverberações*, Louise Lhullier e Cleyton Andrade contribuem com algumas elaborações importantes a partir do impacto da destruição catastrófica que vem assolando o estado do Rio Grande do Sul. Louise apresenta tanto aquilo que não causa surpresa, visto que a enchente em si já era prevista e anunciada, mas também fala daquilo que, na catástrofe, invade desde o registro que chamamos de real. Cleyton localiza a função civilizatória do Discurso do Mestre, por um lado, mas também aponta à sua desestabilização, conforme avança

o capitalismo. Ambos propõem, assim, algumas referências a partir das quais se possa trabalhar a pergunta sobre como a psicanálise pode dizer algo aí.

Por fim, ainda neste número de Coda, convidamos à prazerosa leitura do texto de Guilherme Gontijo Flores – poeta, tradutor e professor da UFPR –, provocado por uma interlocução com a Comissão de Arte e Cultura do Encontro. Seu escrito nos conduz pelos restos da língua, a voz, o corpo – o que se entranha na carne e aquilo que se solta pelas frestas.

Instigados pelas contribuições que compõem este terceiro número do Boletim Coda, seguimos no ritmo do trabalho coletivo de preparação para o Encontro. Desejamos a todos uma boa leitura!

EIXOS TEMÁTICOS

Eixo I: Capturas imaginárias e o real do corpo

Luiz Fernando Carrijo da Cunha (AME da EBP/AMP)
Coordenador da Comissão Científica

Partamos da afirmação de Lacan de que o corpo é suporte do discurso¹, não forçosamente *um* corpo, mas, ao implicar o gozo, esse corpo não está inteiramente só, há um outro corpo. Trata-se, pois, do “gozo corpo a corpo”². Entrevemos, nessa afirmação, a presença já marcante do imaginário dando suporte a um gozo, por excelência não localizável. Se é através do discurso que um sujeito pode ser localizado, isso não implica a localização do gozo.

Um suporte, portanto, que é inaugurado em sua configuração narcísica através da imagem do outro. O corpo, assim, imerso no imaginário, torna-se matriz da relação do sujeito com o mundo, onde a incidência da linguagem trará seus efeitos de perturbação sobre a “jubilação” instalada com o imaginário. O júbilo em si mesmo, não deixa de ter uma inscrição direta com o gozo, ou seja, que o sujeito goza “de sua relação com a imagem especular”³. No primeiro tempo de seu ensino, Lacan associa o imaginário à inércia, fazendo deste um obstáculo a ultrapassar para alcançar a primazia do simbólico. O especular dizendo respeito, exclusivamente, ao narcisismo. Logo, segundo a leitura feita por Miller⁴, inicialmente o imaginário fora degradado por Lacan. Será no seu último ensino que o imaginário será equivalente ao simbólico e ao real no encadeamento borromeano que Lacan proporá utilizando-se dos três registros. Se no primeiro tempo o corpo no imaginário ganhava seu estatuto apenas pela relação especular, ou seja, o corpo como uma forma, num segundo tempo, vemos surgir o corpo libidinal que, além da forma, é distinto do organismo. Miller destaca ainda que “desde o início do ensino de Lacan, o corpo é imaginário. Por fim, no momento de seu último ensino, Lacan formulará que o imaginário é o corpo”⁵. Uma nuance que podemos ler como *do imaginário do corpo ao corpo é o imaginário*. Tal nuance nos interessará no nível de nosso XXV EBCF e mais particularmente nas Jornadas clínicas, quando a privilegiarmos nesse eixo I. Ou seja, que as capturas imaginárias não se atêm à inércia e ao subjugamento destas ao simbólico, mas como tendo uma relação muito direta com o real do gozo que, verdadeiramente, é a prisão do corpo. Nessa perspectiva, o imaginário parti-

1 Lacan, J. (1971-1972) *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 217.

2 Idem.

3 Miller, J-A. “As prisões do gozo”. In: *Opção lacaniana. Revista brasileira internacional de psicanálise*, n. 54, maio 2009, p. 16.

4 Idem.

5 Idem.

cipa igualmente da constituição do sintoma, assim como dá suporte ao discurso. Nesse sentido, cabe destacar as parcerias sintomáticas que encontramos na clínica, abastecidos com o tecido imaginário; uma clínica caracterizada pela inexistência do Outro que, para além dos comitês de ética que daí se depreendem, o sujeito busca soluções mais singulares no recurso imaginário. Como bem salienta Éric Laurent, no mundo onde a biopolítica está no posto de comando, “o corpo-máquina, assim, faz par com o corpo-imagem”⁶. Essa e outras parcerias poderão ser exploradas nos casos clínicos que se inscreverão neste eixo.

Ainda com Laurent, em relação à análise do *fallasser*, “a ênfase incide sobre a urgência de redefinir as relações mantidas pelo sujeito e o corpo, ambos tomados pelos discursos invasivos sobre a necessidade de colocar-se à escuta de seu corpo”⁷. A perspectiva que se coloca não pode negligenciar os imperativos contemporâneos que passam a determinar a forma ideal do corpo, assim como seu funcionamento respondendo ao ideal de saúde e beleza. Nesses imperativos encontraremos consequências clínicas as mais variadas, desde as anorexias até sintomas graves de dismorfismo corporal, além das queixas hipocondríacas que não se restringem ao sujeito psicótico.

Lacan, em sua retomada do ensino de Freud, inicialmente seguiu sua via a partir das identificações imaginárias, destacando a força e o poder da imagem. Porém, dadas as transformações vividas em nossa época, é necessário “repensar o *status* do imaginário em Lacan, tanto em nossa elaboração da clínica quanto na prática analítica”⁸, destaca Miller. Como vimos, Lacan prossegue na lógica de seu ensino que vai do corpo como forma, acrescentando que o corpo é o imaginário. Sublinhemos ainda a alta incidência de sujeitos que buscam uma análise fixados em suas identificações, quer seja por simpatizarem e/ou militarem em grupos identificatórios, quer seja por estarem fixados numa determinada lembrança encobridora, cujos significantes não se mobilizam. Não nos esqueçamos que Freud elaborou a noção de fantasma assentado sobre a imagem.

Salientemos que nessa investigação onde “o corpo é o imaginário” é necessário levar em consideração as formas de laço social que se depreendem de uma “nova psicologia das massas”, caracterizada fundamentalmente pelo individualismo de massa e pelos comitês de ética onde, justamente por implicar o corpo, a biopolítica ganha o proscênio. Ademais, no seio desse novo laço social, encontramos a proliferação de religiões e imposições no comportamento e até mesmo na língua. O recrudescimento das segregações de todo tipo, especialmente aquelas que se enraízam no corpo⁹ a partir do ódio, é a resultante da constituição de um discurso do mestre para além do mestre da tradição: os discursos do capitalismo (com o neoliberalismo como frontispício) e das tecno e biociências. Nessa perspectiva, o lugar do sujeito fica foracluído, trazendo como uma das consequências, a posição da “vítima” como um dos significantes mestres da época¹⁰.

6 Laurent, É. *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p. 15.

7 Idem, p. 14.

8 Miller, J.-A. (Maio 2009) *Op. cit.*, p. 15.

9 Lacan, J. (1971-1972) *Op. cit.*, p. 227.

10 Brousse, M.-H. *Mode de jouir au féminin*. Paris: Navarin Ed., 2020, p. 12.

Como vimos, a insuflação do imaginário em nossa época propicia ainda mais o aprisionamento do corpo e, como o gozo está aí implicado, deduzimos a ação de um real sem lei e, por isso mesmo, causador de sintomas.

A consistência que o imaginário dá ao corpo, ao corpo como forma, pode demonstrar seu limite na prática psicanalítica quando testemunhamos o fracasso do imaginário em sustentar o ideal de um corpo higienizado do gozo. A passagem do “ser um corpo” para o “ter um corpo” é fundamental para se abordar o que há de gozo que transborda em qualquer perspectiva higienista, assim como em qualquer perspectiva identificatória.

A perspectiva que se coloca quanto ao fim do binarismo sexual não apaga a singularidade do gozo. Como pudemos escrever em outro lugar, “a cada um seu sexo”, representando nesse a cada um, sua singularidade sintomática, independentemente das identificações em jogo.

Como sublinhamos no argumento desse eixo, reforçamos aqui que o corpo escapa a qualquer identificação totalizante, há sempre algo que permanece fora da imagem corporal, um resto inapreensível e irrepresentável. Resta um corpo infamiliar que a imagem não consegue capturar, um gozo que não se inscreve e faz obstáculo a essa diluição do ser falante na confusão imaginária.

O “corpo é o imaginário” quer dizer que ele, mais do que “forma”, é o suporte de um discurso que pode aprisioná-lo e que, na perspectiva da análise, tal aprisionamento pode se demonstrar como falácia quando, daí, surge o resto de gozo do qual o corpo não pode ser liberado, ou seja, a verdadeira prisão do corpo é o gozo. As manifestações sintomáticas desse aprisionamento referendado, por assim dizer, pela consistência imaginária, são matéria para se pensar a atualidade da clínica, assim como os impasses daí decorrentes, implicando a transferência, a interpretação e o ato analítico.

Esperamos, em nossas Jornadas clínicas, especificamente casos e fragmentos clínicos que possam demonstrar, não apenas as soluções, mas, fundamentalmente, os impasses que aí se colocam.

Eixo 2: Incidências do discurso da ciência sobre os corpos

Marcelo Veras (AME da EBP/AMP)
Integrante da Comissão Científica

O título do Eixo 2, “Incidências do discurso da ciência sobre os corpos”, traz de imediato uma afirmação que nos serve de bússola, pois, ao perguntarmos qual a incidência do discurso da ciência sobre os corpos, inferimos que os corpos não são propriedade do discurso científico, este apenas incide sobre eles, assim como incide no Outro social. Contudo, tal como Napoleão, que se auto coroou Imperador da França, a ciência assumiu o Discurso do Mestre contemporâneo e se autoproclamou detentora da verdade sobre os corpos. Mas eles são afetados igualmente por outros discursos, como o político, o religioso ou o histórico. Seria igualmente o caso do Discurso do Analista? Eis um programa de pesquisa para o nosso Encontro: qual a especificidade do Discurso do Analista diante da babel discursiva? Para o cientista Javier Peteiro, autor do livro *O autoritarismo científico*, a ciência “pensava ser (e se depender dos cientistas continua a pensar) algo que se constrói como o desvelamento de um real no qual o sujeito não participa”¹. As concepções de corpo são distintas para a ciência e para a psicanálise. Enquanto, para a primeira, o corpo é cadaverizado pelo saber, para a psicanálise, a substância gozante é a vida, que faz furo no real.

O cérebro é domínio das neurociências, mas não podemos dizer o mesmo da mente humana. A mente depende do cérebro para pensar tanto quanto a visão depende do olho para enxergar. Nos dois casos, um não pode ser reduzido ao outro. Quer seja pela neurologia, quer seja pela psiquiatria clássica, a psicanálise avançou paulatinamente para se desfazer, ela também, do enclausuramento do discurso científico. Lacan, em uma apresentação de pacientes, deu um giro de perspectiva na separação entre mente e corpo propondo outro par: doenças da mentalidade e doenças do Outro². Ou seja, para Lacan a mente é corpo, a alteridade se faz com a linguagem.

É assim que Jacques-Alain Miller pavimenta o caminho da passagem do primeiro para o segundo ensino de Lacan ao afirmar que o estruturalismo, do qual a psicanálise lacaniana foi

1 Bassols, M.; Peteiro, J. “O autoritarismo científico”. In: *A psicanálise, a ciência e o real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015, p. 178.

2 Miller, J.-A. “Enseignements de la présentation de malades. Intervention faite aux ‘Journées des mathèmes’ de l’École freudienne”. In: *Ornicar*, n. 10, 1977.

tributária em seu início, preparou a via do cognitivismo³. Para ele, o estruturalismo foi uma primeira forma de pseudociência que encontrou seu ápice no cognitivismo, ambos ancorados na exclusividade do S2. No mundo desenhado por essas disciplinas, não há espaço para o sujeito, para o objeto α ou para o S1. Estaria aí a primeira base da identificação do homem à máquina⁴. A miragem dessa identificação se espalha popularmente, tanto nos trabalhos científicos quanto nas histórias de ficção científica ou nas invenções cada vez mais surpreendentes advindas da inteligência artificial. A popularidade dessa fantasmagoria vem do apaziguamento que pode trazer a ideia de que ancoraríamos o Ser em uma ciência de cálculos, protocolos universais e cifras. Mas o discurso da quantificação vai mais além, pois permite igualmente monetizar o Ser e inscrevê-lo como mercadoria do livre comércio.

O convite aos trabalhos de nossa jornada clínica leva em conta os impasses da ciência pura diante do inconsciente, pois a clínica que inclui o *falasser* é uma clínica impura, feita justamente com os pequenos detalhes, como o estilo e a letra que Lacan identificou desde muito cedo nos seus textos psiquiátricos. Já nos anos 1930, ao comentar um caso de esquizografia, Srta. C., Lacan se dedica à leitura das cartas da paciente para isolar uma arte poética na qual ela havia desenvolvido um estilo⁵. Como em Freud, percebemos que o ultimíssimo Lacan traz elementos do primeiríssimo. Ou seja, muito cedo Lacan se desloca da claridade das evidências para afirmar seu gosto pela “fidelidade ao envelope formal do sintoma”⁶.

O sonho do cientista, e o que lhe traz angústia, é o próprio conceito de ciência pura. Para pensarmos a clínica psicanalítica nos tempos atuais, devemos seguir o convite de Lacan e nos aproximarmos do horizonte subjetivo de nossa época. Para os que não são terraplanistas, a linha do horizonte é justamente o litoral que nos permite ter uma visão do futuro enquanto ainda avistamos, ao olharmos para trás, as terras que abandonamos.

Se o século XX foi o século das máquinas, o século XXI é aquele em que o corpo e os limites do humano estão em questão. O imediatismo do gozo dos *gadgets*, dispensando os caminhos do desejo, provoca um encurtamento temporal, deixando pouco espaço para o sujeito. É o que Lacan afirmava já no *Discurso de Roma*: “A ciência avança sobre o real ao reduzi-lo ao sinal. Mas ela também reduz o real ao mutismo”⁷. Não por acaso, a angústia da proximidade do objeto gerou uma epidemia de síndromes do pânico, casos em que o sentido das palavras não é de grande utilidade.

As novas tecnologias de comunicação mudaram substancialmente os pacientes que chegam à clínica psicanalítica. As gerações mais novas são as mais afetadas. O *smartphone* deixou de ser um aparelho de comunicação para se tornar um apêndice corporal, um novo órgão⁸, como afirma Éric Laurent, com fins sexuais. Um estudo recente demonstrou que o tempo de perma-

3 Miller, J.-A. “Neuro, le nouveau réel”. In: *La cause du désir*, n. 98, 2018.

4 Idem.

5 Lacan, J. “Écrits ‘inspirés’: Schizographie”. In: *Premiers Écrits*. Paris: Ed. du Seuil, 2023, p.71.

6 Miller, J.-A., “Avertissement”. In: Lacan, J. *Premiers Écrits*. Paris: Ed. du Seuil, 2023, p. 9.

7 Lacan, J. “Discurso de Roma”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 143.

8 Laurent, É. “Jouir d’internet”. In: *La Cause du désir*, n. 97, p.11. (Tradução também disponível em <https://www.revis-taderivasanaliticas.com.br/index.php/gozar-internet>)

nência diante de uma mesma imagem na tela é muito curto⁹. Um jovem permanece em média apenas vinte segundos, por exemplo, em uma mesma imagem do *Instagram* e em seguida ele se desloca para outras plataformas, seja *TikTok*, *Facebook* ou *WhatsApp*, permanecendo apenas outros vinte segundos na imagem seguinte.

Como nossa prática pode acompanhar essa contração temporal? Entre o instante de ver e o momento de concluir, ambos tempos exclusivos do sujeito, temos o tempo para compreender, que é o tempo do diálogo com o Outro¹⁰. Quando o Outro é reduzido a 20 segundos, o sujeito vive a angústia de ver e concluir na precipitação, o que leva jovens adolescentes, que mal passaram por uma situação de *bullying* ou decepção afetiva, a tentar de imediato se matar. Aqui vai um convite para trazer as invenções singulares que o analista produziu diante dessa vacuidade do Outro¹¹.

Esse é um dos paradoxos da rede, que é denominada de “social” quando, na verdade, relança cada um em sua própria condição de um gozo narcísico solitário, configurando uma clínica de SI’s que não fazem apelo a nenhum S2. O discurso da ciência, ao exilar o paciente de sua palavra, reduz a clínica a um incessante instante de ver... para diagnosticar. Os que trabalham com a psicanálise nos hospitais sabem que, cada vez mais, a ação do clínico no sofrimento psíquico e na urgência subjetiva vem sendo aprisionada por protocolos diversos: protocolo de suicídio, de ansiedade, dos estados depressivos.

Ironicamente, no futuro, essa será a grande ameaça para uma clínica baseada exclusivamente em evidências, pois nela é bem possível substituir o psicólogo por um *Robot*. Como afirmou Gilson Iannini, em um debate recente, não são os psicanalistas os mais ameaçados pela Inteligência Artificial, mas são os psicólogos das TCC’s que correm mais risco de ficar desempregados. O inconsciente real é justamente o que não é evidente, aqui os semblantes fracassam.

A questão não é mais se as máquinas vão ganhar partidas de xadrez dos humanos, a questão é que, ao ganhar, elas não gozam, são os programadores que gozam. Subsiste por trás dessa solidão a pulsão silenciosa instrumentalizada a serviço do mercado de consumo que impulsiona as adições.

Com a pandemia, foi possível constatar que a Ciência não é capaz de apaziguar com sua verdade – basta recordarmos a fenda aberta no Outro entre os que apoiavam e os que rejeitavam a vacinação. O sujeito contemporâneo está mergulhado nessa trama de Ciência e pseudociência que impulsiona uma batalha dos discursos e o reforço das posições identitárias em detrimento do sintoma de cada um. Daí que é importante pensar a clínica da violência sem reduzi-la a uma questão sociológica. Seria ela um sintoma na civilização ou, ao contrário, o destino da pulsão de morte em uma sociedade sem recalques?

Lacan, em seu último ensino, relativiza a ficção do Nome-do-Pai para fundar o afeto fun-

9 Reeves, B. et al. “Screenomics: A Framework to Capture and Analyze Personal Life Experiences and the Ways That Technology Shapes Them”. In: *Human-Computer Interaction*, v. 36, n. 2, p. 150-201, 2021.

10 Não que o sujeito no instante de ver e no momento de concluir não seja afetado pelo Outro, como bem lembrou Sérgio Laia na atividade preparatória do dia 18 de maio de 2024. Mas é no encurtamento do tempo para compreender que mais percebemos os efeitos clínicos da vacuidade do Outro atual.

11 Nos parece que o último Lacan serve de bússola para essa clínica que se descortina.

damental da relação com o Outro, que é o ódio. Ele o funda diretamente sobre a relação ao gozo como ponto de rejeição, de expulsão do Outro que releva da *Austossung*, a expulsão primordial que situa o sujeito frente ao Outro. Miller sublinha, a propósito da oposição freudiana Eros/Thanatos: “o adversário do amor não é o ódio, é a morte, Thanatos. É preciso diferenciar a violência do ódio. O ódio está do mesmo lado do amor. O ódio e o amor estão do lado de Eros”¹².

Irrompe, desse modo, uma clínica em que os corpos estão cada vez mais etiquetados, mas sufocados pela falta de palavras. Quantas fibromialgias poderão, na verdade, ser a expressão de uma histeria rígida? Quantos lutos são tratados como depressão e medicados imediatamente? A neurose obsessiva foi evacuada de toda culpabilidade inconsciente e convertida em TOC, mera exposição dos fenômenos quantificáveis. Os efeitos do mergulho da humanidade no campo das redes sociais foram rapidamente identificados como patologias de alienação e separação do Outro. Os resultados do imperativo “todos conectados” se fazem ver no aumento sem precedentes de diagnósticos de hiperatividade, bem como a rejeição desse Outro digital invasivo que, igualmente, gerou a inclusão indiscriminada de milhares de crianças no espectro autista.

A ideologia da cifra e o neuro-paradigma fundam discursos sem um mais além, que produzem uma vacuidade semântica. Lacan afirma que o progresso da ciência “faz desaparecer a função da causa”¹³, no sentido em que se produz um “isso quer dizer alguma coisa” ali onde “se rompe a implicação do sujeito em sua conduta”¹⁴.

Em nossas jornadas clínicas, esperamos casos que demonstrem uma clínica enraizada na unicidade do caso. Um caso não deve ser escolhido pela sua tipicidade, mas, ao contrário, pela sua singularidade. É preciso que ele apresente um caráter original e uma atipicidade¹⁵. Uma clínica que vai além de apenas decifrar os sentidos recalcados para se sustentar no cifrar que a letra proporciona.

12 Miller, J.-A. “Crianças violentas”. In: *Opção lacaniana. Revista brasileira internacional de psicanálise*, n. 77, agosto 2017, p. 26.

13 Lacan, J. (1962-1963) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 310.

14 Idem, p. 306.

15 Miller, J.-A. “Avertissement”. *Op. cit.*, p. 9.

Comentários dos eixos 1 e 2

Rômulo Ferreira da Silva (AME da EBP/AMP)
Coordenador Geral do XXV EBCF

Bom dia! Muito bom estar aqui, em Salvador¹, na companhia de colegas e amigos da EBP para essa atividade tão bem acolhida pela Seção Bahia, principalmente por seu diretor geral, Luiz Felipe Monteiro.

Vou logo para a minha função de animar essa atividade com questões para nossos apresentadores, Luiz Fernando Carrijo e Marcelo Veras. Eles estão aqui, representando a Comissão Científica do Encontro, portanto, toda a comissão está preocupada no que foi apresentado e, certamente, ávida para entrar na conversa.

Como vimos, os eixos 1 e 2 são bem articulados entre si, tanto no que se pode ler em seus argumentos, como no que acabamos de escutar.

As questões que me surgiram foram suscitadas, primeiramente, pela leitura que fiz do texto do eixo 1. Porém, logo em seguida, ficou claro que elas se colocavam também em relação ao texto do eixo 2.

Luiz Fernando faz uma retomada no ensino de Lacan com a abordagem do *corpo forma* e do *corpo libidinal* e aponta para uma nuance: a passagem do imaginário do corpo à proposição “o corpo é o imaginário”. Será que você poderia precisar ainda mais a importância dessa passagem, principalmente, no que ela revela da relação direta com o real do gozo? Me parece que essa formulação se sustenta de forma mais explícita a partir do novo estatuto do imaginário reafirmado por Lacan no Seminário 23.

É por essa via que você nos aponta a possibilidade de podermos acompanhar, na clínica contemporânea, a busca de soluções apoiadas mais fortemente no imaginário, o que nos leva à parceria corpo-máquina e corpo-imagem. E, aqui, incluo Marcelo, porque me ocorreu que o termo “escuta”, em relação ao que o imaginário do corpo apresenta, já se coloca de uma maneira estranha. É muito comum, de fato, encontrarmos essa prescrição: “você precisa escutar o seu corpo!” e, daí, advém uma série de discursos que invadem, vasculham, escaneiam os corpos para, finalmente, determinarem ideais de funcionamento do organismo.

Marcelo nos coloca que “a miragem do corpo-máquina se espalha tanto nos trabalhos científicos quanto nas histórias de ficção científica ou nas invenções cada vez mais surpreendentes advindas da inteligência artificial”.

Vocês acham que essa “escuta” do corpo estaria mais do lado do delírio? Ou seja, da ordem da interpretação como no sonho que, desde o simbólico, articula-se num discurso que tenta amarrar os fragmentos recolhidos de imagens? Como a imagem não se fixa sem o auxílio do simbólico, por não ter o imaginário compromisso com o sentido, podemos dizer que se trata

¹ Texto apresentado na primeira atividade preparatória do XXV EBCF, no Solar do Unhão, em Salvador, no dia 18 de maio de 2024.

de um recurso desesperado para recobrir o que surge do real do gozo diante do imaginário sem o simbólico?

Mesmo que estejamos sob o Império das Imagens – título do VII Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (ENAPOL), ocorrido em 2015, em São Paulo – em decorrência da constatação da inexistência do Outro, é o simbólico que é convocado para articular em discursos as imagens exibidas, cultuadas, rechaçadas e/ou “canceladas”. Nessa perspectiva, podemos dizer que se trata de um retorno, de um saudosismo, uma insistência na ordem simbólica no intuito de dar-lhe nova consistência?

Vocês nos trazem a questão do ódio. Marcelo, inclusive, o aborda pela via da *Austossung* como ponto de partida para o aumento das segregações. Nessa abordagem, coloca-se a forclusão do lugar do sujeito, fazendo prevalecer a posição da vítima. Vimos, nos últimos anos, a violência que essa operação provoca no discurso dos mestres, para além do mestre da tradição, com o deboche do “mimimi”.

Quanto mais se cultua a posição da vítima, mais tornamos o Outro malvado? Mesmo que esse Outro seja revestido de discursos inclusivos, de resgate, de reparação, de altruísmo etc., não soa, muitas vezes, como cínico e autoritário?

Vocês vislumbram alguma saída para essa estagnação fantasmática regida pelas pulsões escopofílica e sadomasoquista?

Marcelo, você nos apresenta a tentativa do discurso da ciência de se proclamar detentor da verdade sobre os corpos e você se contrapõe a essa arrogância, apontando a incidência dos demais discursos. Porém, você implica a psicanálise nessa babel discursiva, convocando nossa comunidade a apresentar trabalhos que tragam à luz a especificidade do discurso do analista na abordagem do corpo. Você poderia dar alguma dica para a nossa comunidade?

Suas provocações não param por aí. Com Miller, você nos traz a primeira forma de pseudociência que ancorou suas seguidoras “na exclusividade do S2”; que não dão espaço para o sujeito, o objeto *a* ou o S1.

Você acrescenta a questão do tempo, da pressa, do “imediatismo do gozo dos gadgets, dispensando os caminhos do desejo (...) deixando pouco espaço para o sujeito”. Ao revelar-se um registro como os demais, em sua consistência e importância, o imaginário parece ser celebrado, porém, desde que seja nova e rapidamente submetido, “traduzido”, “escutado”, pelo simbólico. A pressa, aqui, estaria posta pela certeza antecipada da falência do Nome-do-Pai? Seria mais uma artimanha dos semblantes como defesa contra o real?

Você localiza o instante de ver e o momento de concluir como tempos exclusivos do sujeito, e o tempo para compreender como o tempo do Outro, que ao ser “reduzido a 20 segundos, o sujeito vive a angústia de ver e concluir na precipitação”. Achei interessante você apontar o paradoxo da rede, que configura uma clínica de S1's que não fazem apelo a nenhum S2. Porém, essa afirmação também me pareceu paradoxal, se retomamos a ideia da pressa em articular o que escapa do gozo, dado pela imagem do corpo, a qualquer discurso que se apresente, seja da religião, do pseudo-cientificismo, negacionista, identitarista, machista, feminista ou outro.

Ou seja, parece haver uma pressa em tomar qualquer S2 que se apresente para fazer par com o S1 que encontra-se à deriva. Seria uma nuance que se apresenta e que vai de uma petrificação de S1 colado à imagem à proliferação de S2 sem ordenação?

Luiz Fernando poderia entrar na conversa pela via do infamiliar que nos traz. Pareceu-me que ele abordou a perplexidade que o infamiliar nos provoca a partir da incapacidade instantânea do simbólico, dos discursos, em contornar o gozo que transborda da imagem e captura o olhar. É isso? Você concordaria que a verdadeira prisão do corpo é o gozo?

Marcelo nos apresenta uma clínica que irrompe com os corpos que estão cada vez mais etiquetados, mas sufocados pela falta de palavras. É importante esse apontamento para conversar sobre os discursos que reivindicam etiquetas, mas não oferecem espaços para que a palavra circule.

NOTAS E TONS

Mulheres, obedecem!

Oscar Reymundo (EBP/AMP)

Ninguém é mais escravo do que aquele que acredita ser livre.

(Johann Goethe)

O processo de empoderamento feminista tem ampliado o acesso de mulheres à cidadania, principalmente, através de medidas que visam à promoção de equidade entre gêneros. A despeito disso, a violência contra a mulher vem apresentando considerável recrudescimento, evidenciando a presença resistente de um ódio misógino.¹

Esse aumento da violência contra as mulheres parece, então, guardar uma relação com a força que, na nossa cultura, vem adquirindo o discurso do empoderamento feminista e seus efeitos de novas conquistas de direitos. Trata-se da potência de um discurso que permite a muitas mulheres, cada uma do seu jeito, assumir, fora e dentro de casa, posicionamentos e responsabilidades em espaços tradicionalmente considerados e reservados para os homens, sem, por isso, necessitar cobrir seus novos corpos com roupas masculinas, ou roupas que ocultem um corpo feminino.

Foi em uma experiência de supervisão de psicólogas de uma instituição que acolhe mulheres vítimas de violência, quando tive a oportunidade de perceber o uso, como imperativo de época, que se pode fazer do significante “empoderamento”, e os efeitos violentos, sacrificiais, que o Discurso do Mestre, erguendo o significante “empoderamento” como S1, pode produzir no interior de parcerias amorosas. De fato, uma espécie de *furor curandis* de um eu débil, baseado na ilusão de um eu consistente, dono de si, e sem conflitos, fazia do empoderamento uma lei férrea que impregnava as intervenções das profissionais, apagando o sujeito do inconsciente. Assim, algumas mulheres eram tomadas por essas intervenções, que não estavam isentas de um dizer culpabilizante por trás dos ditos sobre os direitos femininos, nem sequer respeitados pelas próprias vítimas. Muitas destas mulheres ficaram expostas às respostas violentas dos seus parceiros amorosos – acima de tudo, as mulheres que, depois de retirada a denúncia que fize-

¹ Caldas, H.; Dupin, G. “O amódio ao feminino e a violência nas parcerias”. In: Danzioto, L. et al. *Violência de gênero e ódio ao feminino*. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 127.

ram contra seus parceiros, voltaram para casa “empoderadas”, brandindo reivindicações e direitos feministas, e reencontravam o ódio e a violência de um homem que se acha proprietário do corpo e da vida da “sua” mulher.

Sabemos, a partir das elaborações de Lacan, que existe uma correspondência entre discurso e laço social, uma vez que o discurso é pensado como a estrutura do laço. Interrogar, então, o corpo aprisionado pelo discurso é levar em consideração a diferença do corpo do ser falante com o seu organismo, uma vez que, no ser falante, o organismo está atravessado e perturbado pela linguagem. Não nascemos com um corpo, mas com um organismo. O corpo, feito de palavras, o habitamos... ou não. O corpo do ser falante é um corpo falado que fala e é essa a sua singularidade e o seu mistério. Marie-Hélène Brousse, na sua conferência “Hacia el Foro de Roma”, nos diz que “O ser falante é, em primeiro lugar, um corpo”². Na mesma linha, Araceli Fuentes nos diz que “O corpo é o lugar do Outro na medida em que é no corpo onde se escreve a história do sujeito”³.

Voltando, então, àquela experiência de supervisão, foi necessário distinguir palavra de comunicação para introduzir o sintoma constituído por uma estrutura significativa que o determina. Assim, foi possível uma pergunta surgir orientando o trabalho: o que leva uma mulher, vítima de violência, a ficar aprisionada no laço com um homem violento? Embora a resposta para essa pergunta só possa ser formulada por cada mulher, na sua singularidade, esse aprisionamento se manifesta na repetição de um circuito de maus-tratos e violência, de denúncias, de cancelamento das denúncias, da volta para casa, de novos maus-tratos, de novos episódios de violência... Algo inalcançável pelo simbólico e, por isso, ilimitado, que divide a mulher, opera nessa repetição, deixando-a fragilizada perante situações de violência. Algo que, na psicanálise, chamamos de gozo opaco à ordem simbólica, que habita o corpo e resiste ao sentido. Um resto que precisa de uma orientação Outra, não sacrificial. Uma orientação que, em lugar de deixar os corpos presos no circuito de maus-tratos, possibilitasse espaços onde fazer falar e ouvir as histórias escritas nos corpos dessas mulheres.

Uma história das sociedades humanas poderia ser contada pelo viés das tentativas que cada cultura fez, e continua fazendo, para controlar o incontrolável desses excessos que toma os corpos dos sujeitos na posição feminina. O discurso religioso, manifestação do Discurso do Mestre, foi e continua sendo uma das formas de controle desse gozo através da petrificação dos corpos⁴. Assim, fogueiras, manicômios, cárceres, hospitais, tratamentos adaptativos, cemitérios se tornam possíveis destinos dos corpos de quem atravessa os limites do mundo daquele que encarna o poder patriarcal, que não se limita aos homens. Em 2023, a Câmara de Deputados do Brasil aprovou a Lei de Igualdade Salarial. Dos 36 parlamentares que votaram contra a lei, 10 foram deputadas de partidos políticos cujos líderes sustentaram, com suas falas e ações, a posição de exceção do Pai da horda primeva, que ostenta a propriedade sexual dos corpos de todas as mulheres. Dez deputadas que se somaram a mais uma tentativa de produzir corpos obedientes, dirigida à mulher como encarnação do enigma do feminino.

2 Brousse, M.-H. “El extraño que yerra”. In: *Blog Zadig España*. 10 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://zadigspana.wordpress.com/2018/02/10/el-extrano-que-yerra/>. Acessado em 17/05/2024.

3 Fuentes, A. *El misterio del cuerpo hablante*. Barcelona: Gedisa, 2016, p. 24.

4 Lacan, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 220.

Tecidos e palavras

Aléssia Fontenelle (EBP/AMP)

Como fazer suportável o corpo próprio?¹ Os analisantes falam com o corpo que habitam e que engendra ações e paixões. De que corpo falamos? Do corpo que se é ou do corpo que se tem e seus restos? No limite imposto por isso que escapa e que *não cessa de se escrever*, como vestir o gozo para habitar o corpo que o aloja?

O Outro – do qual recebemos as palavras que entranham, que nos representam e nos desnaturalizam – introduz a problemática do corpo e as distintas modalidades de gozo da civilização onde transitamos. O “efeito da linguagem se padece”, nos dirá Lacan². Já não estamos nos tempos em que o real era abordado pelos mitos e pelas crenças compartilhadas. Agora, com o arrefecimento das práticas discursivas e o esvaziamento das ideologias, o discurso preconiza o *mais-de-gozar* e, com a hipertrofia do uso dos objetos, cada um está autorizado a viver seu próprio modo de gozo³, cada um isolado em seu mundo de gozo, ainda que “essencialmente embaraçado por histórias”⁴.

Assim, sem passar pelos semblantes universais que organizam a existência, a paixão pelo corpo é o traço próprio da vida cotidiana do século XXI que, segundo J.-A. Miller⁵, tem como modelo a adicção. Nessas coordenadas, o que prevalece não é o sujeito do significante, nem o sujeito da identificação, mas o *falasser*. Isso significa que o Outro está destituído e, em seu lugar, está o corpo. Há, assim, um deslocamento do campo da identificação para o acontecimento de corpo que demarca uma anterioridade lógica à mordedura do significante. Destituído de toda representação, esse encontro afeta o corpo e imprime uma marca que se encarna (corporifica) para além da identificação⁶. A imagem encarnada é o corpo que o *falasser* tem, sem sê-lo.

Na lógica contemporânea do real desprovido de sentido, evidencia-se uma dificuldade, cada vez maior, em armar o imaginário corporal. Como produzir a articulação entre o gozo que insiste sem limite e o gozo no qual podemos nos localizar? A construção da imagem pela via do semblante possibilitaria um tratamento à falha estrutural do *falasser*, permitindo ter um corpo?

1 O presente texto articula alguns pontos desenvolvidos na tese de doutorado, “A arte de Frida Kahlo: o *savoir-y-faire* com as peças soltas”, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2 Lacan, J. “Le Séminaire de Jacques Lacan, “RSI”, 21 Janvier 1975”. In: *Ornicar? Bulletin périodique du Champs freudien*. n. 3, p.106, Paris, mai 1975.

3 Velásquez, J. *Psicosis ordinárias - una mirada desde la clínica borromea*. Nueva Escuela Lacaniana – Santiago, 2018, p.40.

4 Miller, J.-A. (1986). “A palavra que fere”. In: *Opção Lacaniana: Revista Internacional de Psicanálise*, n. 56/57, 2010, p. 70.

5 Miller, J.-A. “Las profecías de Lacan. Entrevista a Jacques-Alain Miller”. In: *Le Point*, 18 ago. 2011. Disponível em: <https://zadigespana.com/2019/05/13/las-profecias-de-lacan-entrevista-a-jacques-alain-miller/>. Acesso em: 12 maio 2024.

6 Lacan, J. (1975-76). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Para a psicanálise, “a linguagem é a condição do inconsciente”⁷ e, tal como os vestidos que as mulheres *não cessam de não tecer* em torno de um corpo impossível, é efeito de um recorte significativa. Aliás, Freud se interessa pelo motivo inconsciente que teria levado as mulheres, que pouco contribuíram com a civilização, a legarem a técnica de “trançar e tecer”⁸. E supõe que o entrelaçamento das fibras, que se assemelha aos pelos enraizados na pele, permite às mulheres bordar e vestir com um véu a imagem do sexo desnudo.

Clérambault identifica uma peculiar relação entre as mulheres e os tecidos. Esse objeto não só exercia uma atração sobre algumas mulheres como também detinha a particularidade de ser algo furtado do outro. Além disso, tinham sensações sexuais intensas com o roçar de uma seda, embora se considerassem frígidas. Há, portanto, uma paixão erótica pela seda que, tomada como um substituto do corpo masculino, caracterizaria uma perversão especial “bastante adaptada ao temperamento feminino”⁹. Assim, o objeto-tecido se torna um objeto de gozo que, sem a mediação da fantasia, se apresenta como um gozo *non-sens*.

Contudo, o fato de o sujeito feminino ser constituído por um não-ser já lhe confere uma aproximação com os semblantes “que têm função de velar o nada”¹⁰. Nesse sentido, vale trazer à tona Frida Kahlo e o seu incansável fazer tela com o traje *tehuana*.

Como fazer suportável o corpo próprio afetado pelo gozo perturbador ali alojado? Lacan se refere ao vestuário como o objeto em torno do qual se tece um véu: “sobre o véu pinta-se a ausência”¹¹. A indumentária, mais do que um invólucro, opera como índice do que se inscreve no corpo como modo de gozo. Em seu diário, Frida revela: “Minhas saias de babados rendados e a *velv retrato ausente de uma só pessoa*”¹².

Ao longo dos anos, pelo viés singular de sua arte, Frida Kahlo foi construindo sua solução/ amarração ao real do corpo, algo que não foi possível encontrar no discurso da tecnologia médica com suas cirurgias, medicações e próteses. Logo, a imagem do traje *tehuana* se faz vestimenta para o corpo mordido pelo gozo, construindo um novo laço com o gozo foracluído do sentido.

7 Lacan, J. “Radiofonia”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 404.

8 Freud, S. “Conferência XXXIII - A feminilidade”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - v. XXII: Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 162.

9 Clérambault, G. G. DE. “Paixão erótica dos tecidos na mulher” [1008]. In: Tadeu, T. (org.). *O grito da seda: entre drapeados e costureirinhas: a história de um alienista muito louco*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 62.

10 Miller, J.-A. “Mulheres e semblantes II”. In: *Opção Lacaniana online*, v. 1, n. 1, pp. 1-25, março 2010, p. 2. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semblantes_II.pdf

11 Lacan, J. (1956-57). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 157.

12 Kahlo, F. (1910-54). *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 143.

...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES

O que distingue o discurso do capitalismo é isto: a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico, com as consequências de que já falei – rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor, meus bons amigos. Como vocês veem, não é pouca coisa, certo? (Lacan, J. *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 88.)

Certo, dr. Lacan, não é pouca coisa

Louise Lhullier (EBP/AMP)

Uma catástrofe destrói vidas, cidades e sonhos no Rio Grande do Sul. Não foi surpresa. Há muitos anos, vários estudos alertavam para o perigo. Uma enchente ocorrida seis meses atrás anunciava o que viria. Não foi suficiente. O “não querer saber nada disso” prevaleceu.

Júlia Dantas¹ descreve como ela e o marido continuaram “confiantes” e “otimistas” mesmo quando andaram com água até os joelhos para ir às compras no sábado, e como tudo parecia “absolutamente normal” no resto do bairro. Naquela noite a água começou a invadir seu apartamento. A força do desejo foi o motor de uma luta que se estendeu até o domingo, para salvar suas coisas, que “nunca são apenas coisas”. Só desistiram quando “tudo começou a ruir”, com a água subindo pelos ralos, vertendo do chão e das paredes. Saíram com água pela cintura.

A solidariedade fez chegar às centenas de milhares de desabrigados um grande volume de doações. Nesse cenário, o governador do Estado manifestou publicamente sua preocupação com os prejuízos que esse volume de donativos traria para os comerciantes gaúchos, sugerindo que as doações “físicas” geravam um problema, pois as pessoas deixariam de comprar... Muito criticado, desculpou-se.

¹ <https://juliaydantas.substack.com/p/a-casa-alagada>

“Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, de coisas do amor”², disse Lacan há cinquenta anos. Nas palavras do governador, o verdadeiro Mestre³ emergiu furando o semblante precariamente constituído no pífio agradecimento à solidariedade que antecedeu seu apelo pelo redirecionamento das doações. Ante a fome, o frio e o desamparo dos que viram tudo ruir, a solidariedade, dos que ainda não deixaram de lado as coisas do amor, se articulou pela via dos discursos, do que faz laço. O apelo pela salvação do comércio foi na direção contrária, reduzindo a falta à mera falta das coisas que circulam no Mercado, esse Mestre atual que desconhece a castração, que não faz barreira ao gozo e, portanto, não constitui o laço social. Se revela aí uma variante do “não querer saber nada disso”.

Tanto na invasão das águas quanto do gozo, as barreiras se mostram cada vez mais débeis em sua função de freio, deixando um rastro de destruição em sua passagem para além do que organizava seus caminhos sob o comando dos ideais, dos significantes-mestres. O fluxo é inexorável e acelerado, sem os limites da impossibilidade, do corte e da falta⁴, aí onde a castração foi forcluída. Haverá resposta possível da psicanálise?

Em tempos de queda dos significantes-mestres, sob o comando do objeto em aliança com o “não querer saber nada disso”, tudo o que nos resta é a palavra. Em um texto de Gil Caroz⁵, encontro três referências, frutos de sua leitura de Lacan⁶: a aposta na angústia como algo que pode fazer ponto de basta, o papel do psicanalista como aquele que se dedica a provocar a vergonha⁷ e vergonha e responsabilidade como “dois termos para designar posições subjetivas que fazem barreira à pulsão de morte”⁸. Talvez se pudesse acrescentar, com Guimarães Rosa, a coragem, “aquilo que a vida quer da gente”⁹.

2 Lacan, J. *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 88.

3 Vide Fabián Fajnwaks em <https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2022/2022/08/16/o-discurso-capitalista-e-o-impossivel/>

4 Idem.

5 Caroz, G. “L'Ére de irresponsabilité”. In: *Mental*, n.39, juillet 2019, p. 26. (Tradução da autora)

6 Lacan, J. *O triunfo da religião precedido de discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

7 Caroz, G. *Op. cit.* (Tradução da autora)

8 Idem.

9 Rosa, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Notem, por outro lado, que se há algo que até hoje deu um enquadre ao circuito do supereu na história humana, é o que Lacan chamou Discurso do Mestre, o qual não é um movimento perpétuo, e permite uma produção e uma separação do mais de gozar, do gozo suplementar. De fato, o discurso do mestre captou o termo subjetivo e esse elemento de gozo suplementar que chamamos a, e os enquadrou a fim de limitar estritamente sua cópula. Por isso, [esse discurso] é eminentemente civilizador: rompe o circuito, se estabelece sobre uma quebra, [faz] uma barreira entre o sujeito e esse gozo suplementar, e corrige, pois, este impasse crescente da nossa civilização. (Miller, J.-A. *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 307. Tradução nossa.)

Este impasse crescente da nossa civilização

Cleyton Andrade (EBP/AMP)

Enquanto escrevo, o desastre no Rio Grande do Sul ainda está em curso. Há muito sofrimento e perdas envolvidas. Porém, infelizmente, muitos o transformam em palco para mais uma das numerosas operações que resultam em impasses para a noção de verdade. Defender a verdade parece algo antiquado (Miller, 2011) e muitas vezes, inútil. Afinal, o mecanismo em jogo não é apenas sobre a mentira e nem sobre o falso como oposição ao verdadeiro. Dizer ostensivamente que não há Estado, que não há instituições, nem organizações, com afirmações peremptórias de ações supostamente exclusivistas dos civis que salvam civis, diante da alegada inação do Estado e até de dificuldades impostas por ele, se apresenta como um dos nomes reeditados do sujeito liberal. Esse mesmo sujeito é central e fundamental no capitalismo, por ser ele mesmo uma expressão de uma vontade que transborda barragens e inunda de gozo seu circuito. Esse senhor do capitalismo, que reaparece nos movimentos radicais e reacionários de extrema direita, nos ajuda a entender um trecho do curso *O Banquete dos analistas*, de Miller. E ambos nos permitem atualizar uma leitura sobre como o capitalismo não só absorve, como retroalimenta os impasses da civilização, num movimento perpétuo.

No caso do Brasil, temos a demonstração de como uma face do capitalismo se alia muito bem ao fascismo não apenas pela monetização vinda destes movimentos, mas, sobretudo, por uma identidade conceitual que sobrepõe uma versão do sujeito liberal do capitalismo ao homem de bem, com sua pátria, sua família, seu Deus, e sua liberdade. Lendo Miller, temos a psicanálise como oposição, como um caminho contrário a esse fundamento perverso da civilização (Miller, 2011). Cabe à psicanálise estar contra qualquer mecanismo que se coloque como uma volatilização do real (Miller, 2011) desencadeada por um mestre moderno e liberal acoplado ao mais-de-gozar, ao a , a ponto de transformar o real de uma forma que não ocorrera enquanto imperava a ação civilizatória do Discurso do Mestre. Hoje estamos confrontados cotidianamente com uma junção do extremismo/radicalismo com o capitalismo. Não é mais uma novidade nas mãos do psicanalista a percepção de que o desejo é um efeito que depende de uma articulação entre $S1$ e $S2$ (Miller, 2011). O outro lado da partida a ser jogada também sabe muito bem disso e traduz sob diversas formas de rentabilidade, seja monetária, financeira ou política, com efeitos devastadores no empreendimento civilizatório. Manipulam isso muito bem, na condição de que tudo vale para as núpcias desse sujeito com o gozo suplementar.

Tratemos aqui, a partir de Miller, de algumas premissas: 1) o mal-estar na Cultura é chamado de *impasses da civilização/Cultura*; 2) isso se refere a um circuito do Supereu, uma vez que, para Freud, a Cultura se orienta pela ética do Supereu; 3) há uma antinomia entre psicanálise e Cultura, posto que não seguem a mesma ética.

Em poucas palavras: para viver em sociedade seria necessário ceder em seu desejo como uma forma de renunciar ao gozo da pulsão; contudo, essa separação exigida com relação ao mais-de-gozar, a , não apazigua o Supereu, uma vez que ele se apropria desse gozo, fomentando um circuito infernal de retroalimentação. Se a figura do casamento foi essencial a Freud por indicar esse circuito interminável, a ruptura com o casamento parecia um caminho vislumbrado. O problema é que o gozo a que se renuncia serve ao Supereu. Ele goza da renúncia ao gozo.

Há um circuito que vai da incidência do Supereu sobre a pulsão, exigindo que abdicamos de uma satisfação, produzindo e separando o objeto a ; e depois, um retorno dessa produção que foi separada, para o mesmo Supereu. Aquilo que foi separado retorna também como gozo. Esse é o caráter perpétuo do movimento constante da Cultura. A vontade moral se encontra com a vontade de gozo – é por onde se pode ler algo da perversão na civilização, sob o imperativo *Goze!*

A diferença a ser introduzida sobre essas vontades sobrepostas passa pelo conceito de discurso, sobretudo como algo oposto a esse movimento perpétuo. Ou seja, o conceito de discurso, necessariamente, implica a ideia de *barragem, barreira, limite, contenção, ruptura*. Por exemplo, o Discurso do Analista impõe um obstáculo intransponível entre o S1 e S2 que ocupam respectivamente o lugar da produção e o lugar da verdade, impedindo um retorno ao começo do circuito. Esse é o modo do Discurso do Analista sustentar uma barragem que impeça o transbordamento da vontade de gozo.

O que operou um limite na história da civilização foi o Discurso do Mestre, que captou tanto o sujeito quanto o gozo e sustentou uma barreira, um limite para ambos. Essa é a dimensão civilizatória do Discurso do Mestre: impedir a cópula entre $\$$ e a . Há uma impossibilidade de passagem entre produção e verdade. Contudo, o surgimento do capitalismo parece ter desestabilizado essa função civilizatória do Discurso do Mestre ao retomar um caminho que reitera o circuito perpétuo da Cultura, restabelecendo o acesso entre a e $\$$, conectando-os. Por isso o capitalismo não é, de fato, um discurso, posto que falta a ele um elemento fundamental: entre produção e verdade, por definição, deve haver uma impossibilidade (DM e DA) ou impotência (DH e DU). No capitalismo o mais-de-gozar não está na realidade transformada em fantasia, mas sim como algo sustentado na própria realidade, por isso ele pode se valer muito bem do negacionista, das fake News, e das demais estratégias de movimentos extremistas e reacionários, todos nesse caminho contrário à psicanálise, com suas formas de um mais-de-gozar desregulado.

ARTE E CULTURA

A Comissão de Arte e Cultura conta, para este número do boletim, com a luxuosa participação de **Guilherme Gontijo Flores** para uma interlocução entre campos. Poeta, tradutor e professor da UFPR, nosso convidado tem um percurso intenso com os usos da língua, seja pela via autoral, seja pela via da tradução. Talvez possamos, inclusive, dizer que essas duas vias, autor-tradutor possuem uma torção topológica, onde uma não se dá sem a outra.

Para animar a conversa, endereçamos a ele alguns pontos ao redor do tema do Encontro Brasileiro deste ano: corpos, discursos e restos, tomados nessa tensão onde algo se decanta. Um corpo se faz pelo discurso, entretanto, algo nessa conjunção fica disjunto, justamente por não se encaixar no todo da narrativa. “Restos” circunscreve um conceito importante para a psicanálise de orientação lacaniana. Podemos dizer que um sujeito se constitui em sua singularidade justamente pelos restos daquilo que recebe em seu encontro com o Outro – restos da língua que lhe é apresentada, do caldo cultural ao qual chega, da ambivalência inevitável de suas experiências afetivas. Tais restos se decantam e escapam à norma da linguagem que aprisiona os corpos. Isso pode ser pensado de forma individual, social, cultural e política.

Em seu vasto percurso também pela mitologia, destacamos o recente texto no encarte da peça teatral “Fantasmagorias IV- agora tudo era tão velho”. Ali, Guilherme fala do vivo do mito, em um belo texto que destaca a potência da língua nesses contos que sempre acrescentam um ponto. O vivo da língua mantém o vivo do mito, sempre renovado, em uma relação infinita entre passado e presente. Também o tema de nosso Encontro pode ser pensado nessa mesma toada: o termo *attrapés*, inicialmente traduzido como “aprisionados”, pode ser traduzido como enlaçados, físgados, tomados, capturados. Lacan cria um neologismo, o verbo *unier*, uniar, que associa unir e negar, e diz que “no que tange à função representada na análise pelo mito do Pai, ele *unia*”¹.

Na sequência, trazemos o que instigou Guilherme, a partir dessa proposta de interlocução.

1 Lacan, J. (1971-72). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 205.

Restos de poética. Poéticas, de resto.

Guilherme Gontijo Flores

(...) je ne suis pas un poète, mais un poème. Et qui s'écrit, malgré qu'il ait l'air d'être un sujet

(Jacques Lacan)

Poetas, como a maioria das pessoas, nascem pensando que precisam, antes de tudo, ter uma voz. Mais ingenuamente, supomos, poetas que somos, que devemos, pra isso, criar uma voz. Moldá-la, guardá-la, expô-la. Formá-la minuciosamente pra que seja reconhecida acima de tudo, além de todos; pra que seja a mostra in-questionável, -dubitável, -transferível de uma singularidade.

Ah, a voz!

Miragem da construção de si.

Fizéssemos, por outro lado, um pequeno exercício mental, e quem sabe outras vozes nos apareçam. Façamos logo dois. Em primeiro lugar, pegue por aí um texto escrito por um afeto (ou um profundo desafeto). Leia lentamente as palavras ali escritas e perceba que você, por mais silêncio que faça na leitura, escuta a garganta desse mesmo (des)afeto. As gargantas dos outros nos invadem o tempo todo, como fantasmagoria. Por vezes, parecem mesmo vozes, sempre passíveis de presença.

Agora pare um instante, também em silêncio, e se concentre. O segundo exercício é talvez mais simples à primeira vista: imite vozes que você reconhece por aí; podem ser as mais banais e repetidas, como um Silvio Santos, ou um Lula; ecos antigos e batidos como um Chacrinha, uma Dercy Gonçalves, ou novamente um desafeto-afeto, a que você quiser. Escutou sua própria garganta sendo a outra voz? Perfeito. E não importa se a imitação foi imperfeita. Isso era o aquecimento. Agora vem o que importa: imite apenas sua própria voz.

Tentou? Notou que é impossível?

Carregamos uma só garganta, e muitas vozes. Desconfio. Menos a própria voz, que é a que mais assola.

Como escritor, tentei, nos meus primeiros quatro livros, me livrar desse anseio repetido de ter uma voz poética pra chamar de minha. Fiz uma tetralogia, intitulada *Todos os nomes que talvez tivéssemos*, organizada a partir dos poemas de *brasa enganosa* (2013), *Tróia* – remix para o próximo milênio (2014/2015), *l'azur Blasé, ou ensaio de fracasso sobre o humor* (2016) e *Naharia* (2017); e nela busquei fazer coro as vozes outras que carrego comigo: as da infância, as da cólera belicosa, as da piada fraca e melancólica, as das minhas avós. Busquei em cada livro mudar radicalmente todo o jogo, apagar-me, diluir-me: troquei as formas, os temas, os modos, os tiques, as obsessões, o gênero literário, as influências, as pretensões. Fiz uma tetralogia pelo avesso: descontinuidade em quatro tempos.

O resultado, como era de esperar.

Uma só voz.

Assim me disseram alguns leitores atentos e amigos, os que me conhecem de carne e de papel, os que convivem por tempo suficiente pra extrair também os silêncios, hesitações, gagueiras, tiques e manias que constituem um sujeito em fala ou texto.

A que eu nunca escuto. Voz. O rastro, ou o resto quase insignificante, de tudo que se fala numa garganta. Talvez aquilo que o outro tenta imitar em mim, e que em mim é: tudo o que se veta de imitar.

Miragem da construção de si. Ah, a voz.

Nesse fato curioso, de que um poeta não detém sua própria voz, mas apenas a reconhece quando ecoa no outro, quando retorna assinada pelo reconhecimento alheio; nesse gesto de assombro porque existo no outro que em mim existe, percebo que a psicanálise continua sendo umas das forças de ação e pensamento mais fortes pra cogitar o que seria essa coisa que é a instituição literária, e o que seria essa bizarríssima instituição ocidental chamada poeta.

Eu é que não saberia responder, claro. Por isso, faço.

Poemas. No plural.

E aguardo que venha alguma voz.

Mas percebo que o poema, como ato de linguagem, tem sua força precisamente na contradição constitutiva. Vem de um corpo, de uma garganta; parece tantas vezes ter uma voz inequívoca. No entanto, se move. Isto é. Permite que outra garganta ali se aninhe. Que outro sujeito ali entre e diga: Esta é a minha carne.

E nesse gesto não imite voz alguma.

Talvez o poema seja mesmo lugar onde um resto toma forma pública. Ato feito, enquanto alguém o diga, o poema não se encerra. Coletiva. A voz que o fez, se resta, pode ser a fresta de outras vozes.

A garganta, se existe, serve mesmo é pra ficar rouca.

BOLETIM

CODA

DIRETORIA DO ENCONTRO:

PATRICIA BADARI (*PRESIDENTE*) | NIRALDO DE OLIVEIRA SANTOS (*DIRETOR*)
ALESSANDRA PECEGO E RÔMULO FERREIRA DA SILVA (*COORDENADORES GERAIS*)

COMISSÃO DO BOLETIM:

COORD: GUSTAVO MENEZES (SP) E RENATA GOMES MARTINEZ (RJ) |
ADRIANA RODRIGUES (SUL)
CLEYTON ANDRADE (NE)
DANIELA NUNES ARAÚJO (BA)
FABRÍCIO DONIZETTI (SP)
OLÍVIA VIANA (MG)
THEREZA DE FELICE (RJ)

DESIGNER: BRUNO SENNA